

Paris, 26 de Setembro de 2006

Actividades estranhas do processo de separação nos seres humanos

Alguém descarregou da Internet um livro chamado “O caminho místico de Lahiri Mahashay”. Folhear e espreitar o livro foi um incessante espanto. A verdade não tem nenhuma direcção e portanto nenhum caminho. É uma acção de percepção, e não actividades de provocações de místicos e mitos sob a bandeira da espiritualidade. As actividades são levadas a cabo para alguém se tornar algo mais do que somente ser, e assim esta conversão em algo bane a verdade. A verdade não são “técnicas” complicadas e elaboradas formuladas pela vulgaridade de um ego astucioso. A verdade não é tradição. Não é transmitida. Ela toca independentemente em cada ocasião, quando a separação se rende para que haja santidade. A autoridade sobre a verdade é a própria negação da sua autenticidade. Nela não têm lugar os exemplos e as anedotas. É a completa eliminação do “eu” - a separação. Esta liberdade é a acção diária da percepção, que não é uma experiência, uma ideia, uma imagem ou uma sombra do “eu” escondendo-se atrás de todas as actividades estúpidas da consciência separativa incorporada nos seres humanos.

A Pura Consciência Holística pode ser tão completamente desperta que não há de todo qualquer experiência! A estrutura da experiência, a moldura do conhecimento emprestado de outros, a rede de sistemas de crenças e de lavagens cerebrais, a plataforma de pretensões – paradoxos – perversões – paranoia, a dimensão de divisões – decepções – desilusões – dilemas – dualidade, a construção de conceitos – conclusões – conceitos – conformidade, tudo isto gera muitos múltiplos de experiências, que são reflexos condicionados e estas experiências por sua vez, reforçam a estrutura, fortificam a moldura, alimentam a rede, promovem a plataforma, desenvolvem a dimensão, confirmam a construção para adquirirem todos os tipos de resíduos e sedimentos psicológicos, para perpetuarem e darem permanência à ilusão chamada “eu”! A Realidade não é uma experiência. Se for, já não é a Realidade, mas somente uma reconstrução, re-fabricação, reforço do “eu” falso e inferior, dando origem a reacções & ressentimentos. A Realidade é a existência eterna. Deus não é Realidade. É a ganância final e outros lixos da consciência separativa a que chamas “mente”, “eu”, “individualidade”, “personalidade”, “vontade”, “alma” (à espera do “salvador”), “ambição”, “aspiração”, “esperança”, “a determinação de um discípulo” (à espera do “guru”) e por aí adiante! A Realidade – Verdade – o Que É – Ser – Existência – Eternidade – Vida, é o único Deus. Não existe nenhum outro Deus, nenhum presidente ou director executivo da companhia do Paraíso ostentando escrituras “sagradas” em sinagogas, igrejas, mesquitas, mosteiros e templos. A experiência do “Que É”, já não é o “Que É”. É meramente uma expectativa do que “deveria ser”. A Vida, como “tanmatra” (percepção) do ouvir, não se interessa mais pela música de Bethoven do que o ladrar de um cão! É o snobismo do elitismo cultural que faz com uma pessoa sinta uma apego orgulhoso por uma música em particular! A síntese de uma experiência pessoal em assuntos espirituais é o sacrilégio da existência profunda. Talvez a comunidade Kriya nunca tenha visto e nunca verá uma prostituta “intelectual” em tal enormidade e magnitude mascarando-se de “pedagogo” distribuindo frases “didáticas”, recomendando determinadas rotinas a serem desempenhadas e espalhando deste modo loucura sob a bandeira da Kriya Yoga.

A experiência do vazio não é o vazio. É a violência e a vulgaridade da vaidade. O experienciador da respiração imóvel, é a agitação do processo separativo do tornar-se algo. O experienciador da saúde é uma pessoa não saudável, porque a saúde é a existência e a doença é a experiência. O experienciador da paz não é pacífico. O experienciador da eternidade e as suas maravilhas é enredamento com o ego e a mente. A tranquilidade não é apatia. Uma mente que se força a ficar tranquila não é uma mente tranquila! A Vida não procura nada, ela vê sem ninguém que veja. Ela não tem nenhuma curiosidade. Não está disponível para a excitação ou aborrecimento. Ela não

imagina, não tem nenhuma ideia, opinião, obsessão ou obscuridade. A experiência de “êxtase” e “felicidade” em qualquer prática “espiritual” nem vale sequer uma injeção ou fumo do mercado de drogas narcóticas! Tenham cuidado com os especialistas das técnicas Kriya e as suas opiniões! O corpo (vida) não está interessado em nenhuma ansias, medo, dependências e as concomitantes emoções, conflitos, frustrações, depressões. Ele deita, naturalmente, tudo isto fora. A separação em relação à Vida sustenta desesperadamente estes conteúdos da consciência, através do mecanismo da dualidade na consciência incorporada. Fazer Kriyas de acordo com a capacidade de cada um, sem o agente da acção, dá uma ajuda à vida (corpo) para que o seu processo de expelir (o que não interessa) seja expedito. Desatar os nós em entendimento não é possível através de qualquer de nenhum projecto mental de rotinas e ensaios.

JAI “SHUNYER SATHE KOLAKULI”